

NEGROS E TURISMO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE O TEMA EM REVISTAS VINCULADAS AOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO NO BRASIL

**Black People and Tourism: Analysis of Academic Production about
this Subject in Postgraduate Journals in Tourism in Brazil**

NATÁLIA ARAÚJO DE OLIVEIRA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p219>

RESUMO

O objetivo deste artigo é de sistematizar o conhecimento científico produzido sobre negros em sete periódicos nacionais vinculados a onze Programas de Pós-Graduação com área básica em Turismo, a fim de discutir se os negros são pautas nos estudos em Turismo, no Brasil. Trata-se de pesquisa descritiva bibliográfica. Para constituir o *corpus* a ser analisado, foi realizada busca no site das revistas, com palavras-chave pertinentes à temática. Foram selecionados oito artigos, que avaliação posterior reduziu a cinco. Conclui-se que dos 2.618 artigos no acervo das revistas, apenas 0,19% analisam negros e turismo. Os artigos encontrados discutem quilombos (2), racismo (1) e sexualização da mulher negra (2). Os resultados revelam que a temática é marginal e que o tema é academicamente invisibilizado em turismo, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Negro; Sistematização de Conhecimento; Produção Acadêmica; Brasil.

ABSTRACT

The objective of the article is to systematize the scientific knowledge produced about black people in the seven national journals linked to the eleven Postgraduate Programs with a basic area in Tourism in order to discuss whether blacks are the subject of tourism studies in Brazil. The work is a descriptive and bibliographic research. To constitute the corpus to be analyzed, a search was carried out on the magazines' website with relevant keywords to the theme, which led to a selection of eight articles and a subsequent evaluation reduced to five, which allows concluding that, of the 2.618 articles that make up the collection of magazines, only 0.19% analyze black people and tourism. The papers found discussed quilombos (2), racism (1) and sexualization of black women (2). The results reveal that the theme is marginal and that the subject is invisible in the tourism academy in Brazil.

¹ **Natália Araújo de Oliveira** – Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8304405222993892> E-mail: oliveira.natalia@outlook.com

KEYWORDS

Tourism; Black People; Knowledge Systematization; Academic Production; Brazil.

INTRODUÇÃO

“Mulheres negras desbravam o mundo” (Damasceno, 2020); “Por que os negros viajam menos?” (Dias, 2017); “Brasileiros criam empresa de turismo para negros após sofrerem preconceito em viagens” (Mantovani, 2018); “Diáspora.black: episódios de racismo viraram oportunidade para negócio especializado em atrair turistas negros” (Melo, 2018); “Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda ‘sem racismo’” (Oliveira, 2016); “Roteiro permite vivenciar cotidiano de quilombolas em MG” (Bello, 2015); “Hóspedes negros são alvo de discriminação no AirBnB, aponta estudo de Harvard” (Lee, 2015). Tais títulos, retirados de sites de notícias, mostram uma relação simples e direta entre negros e turismo, ora falando de negros que viajam, ora relatando caso de racismo ou ainda salientando oportunidades no afroturismo. Todos, porém, tem em comum o tema do lugar do negro no turismo. Pensando neste assunto e direcionando-o à produção acadêmica em Turismo no Brasil surge a questão: qual o lugar do negro nos estudos em Turismo no Brasil?

Dela derivam outras, da mesma forma instigantes, e que auxiliam a orientar a problemática deste artigo: os negros aparecem nas pesquisas como sujeitos que usufruem do turismo? Os trabalhos analisam casos de racismo no turismo? Os artigos se debruçam sobre o mito da democracia racial no âmbito do turismo? A exposição do corpo feminino negro é problematizada? Roteiros turísticos em áreas quilombolas são alvos de estudos? O afroturismo é tema dos trabalhos? Ou ainda, há pesquisas, no âmbito das revistas científicas vinculadas a programas de pós-graduação em Turismo, que analisem os negros no turismo? A partir destas questões, o presente artigo, vinculado à perspectiva do turismo crítico, tem por objetivo sistematizar o conhecimento científico produzido sobre negros e turismo nos sete periódicos nacionais vinculados a Programas de Pós-Graduação brasileiros com área básica em Turismo. Como objetivos específicos: (a) identificar o número de artigos publicados sobre o tema; (b) apontar de quais instituições são os autores que publicam nessa área; (c) analisar quais palavras-chave são utilizadas para debater a temática; (d) categorizar os subtemas abordados na discussão entre negros e turismo; (e) sintetizar os artigos analisados.

O estudo é uma pesquisa descritiva e bibliográfica e parte de um universo de 2.618 artigos publicados. Está estruturado da seguinte maneira: a primeira seção apresenta uma análise teórica sobre negros, raça e turismo. A segunda traz informações sobre a metodologia utilizada. Em seguida, a terceira seção mostra e discute os resultados da pesquisa. A quarta seção, que

finaliza o artigo, traz as conclusões do estudo com a problematização dos resultados encontrados.

NEGROS, RAÇA E TURISMO

O turismo, fenômeno social, implica o encontro entre pessoas diferentes. Este contato com o outro possibilita troca de conhecimento e experiências, mas também pode ser permeado por desconfiança, hostilidade, preconceito e racismo. Logo, pensar o turismo como uma forma de comunicação e interação é refletir sobre o encontro de corpos, culturas, cores e saberes, que costumam ser hierarquizado a partir de lógicas eurocêntricas. Nesta perspectiva, corpos negros são vistos como destoantes, supostamente não pertencem aos lugares que ocupam, seja no papel de hóspedes ou de anfitriões. Como diz uma mulher negra viajante: *“Quando você é um corpo negro viajante, causa incômodo nos outros. Estão acostumados a ver a mulher negra em situação de subalternidade”* (Damasceno, 2020, s.p.); *“Eles não esperavam ser recepcionados por um anfitrião negro e isso ficou evidente assim que abri a porta”* (Diáspora.black, 2019).

Nestes encontros, poder e diferença, componentes do racismo, podem entrar em cena. De acordo com Fredrickson (2002), o racismo origina-se de uma mentalidade que considera ‘eles’ como diferente de ‘nós’, de maneira que essas diferenças são permanentes e intransponíveis. Esse sentimento de dessemelhança fornece um ‘motivo’ para tratar o outro de maneira cruel ou injusta. Encarar o outro como inferior a partir de características fenotípicas - pensadas no senso comum como raçaⁱ -, é estabelecer hierarquias de dominação e poder. Neste sentido, racismo é a dominação sistemática de um grupo étnico por outro, acompanhada por representações e ideologias que depreciam o povo subordinado, servido para justificar exploração ou exclusão material (Monsma, 2017). No contexto do turismo, racismo é julgar que o negro não pertence àquele espaço reservado ao consumidor, por exemplo. Ele invariavelmente é retratado como um trabalhador do turismo e nunca como alguém que pode usufruir da atividade, como mostram Hintze e Almeida Júnior (2012) ao analisar as imagens publicadas na revista *Viagem e Turismo*. De acordo com os autores, quando o negro é invisibilizado como consumidor do turismo, ele é espetacularizado como atrativo turístico, subalternizado como servidor do turismo ou, ainda, tomado como membro de um povo carente de auxílio.

Nunca é demais lembrar que até o começo dos anos 1990 era política oficial, pelo Instituto Brasileiro de Turismo [Embratur]ⁱⁱ, a exploração de um suposto erotismo intrínseco à mulher negra como técnica publicitária, para vender o país no exterior, o que, de modo nefasto, colaborou diretamente para a consolidação da imagem do Brasil como paraíso das *mulatas*ⁱⁱⁱ. Como afirma Gomes (2010):

[...] a mulata é construída como síntese da miscigenação sexual e racial, como erótica, disponível, alegre, cheia de ginga – o que remete a uma identidade de gênero (ser disponível ao homem branco), de sexualidade (hiper erotizada), de raça (ser mulata é raça, uma raça misturada, porém única, uma mistura de raças que a determina suas características de alegria e corpo gingado) (p. 67-68).

Outro ponto a ser destacado, quando se reflete sobre negros e turismo, é o fato desses sofrerem maior rejeição como hóspedes em plataformas de acomodação compartilhada – como o AirBnB, –, de acordo com uma pesquisa realizada em cinco cidades estadunidenses, pela Escola de Negócio de Harvard (Lee, 2015). Ademais, como comentam Ferreira e Casagrande (2018), a baixa presença de pessoas negras em espaços turísticos no país ocorre a partir de práticas interseccionais e estruturantes de gênero, classe e etnia/raça, que desconsideram sujeitos negros em suas diferentes demandas por uma vida digna e dificultam que em virtude de condições sociais, econômicas e culturais, vivenciem o turismo moderno.

De outra parte, outro tópico possível de ser destacado quando se analisa negros e turismo faz referência à sua ancestralidade, tomando o negro como ponto de partida para a realização da atividade. É o que se tem chamado de afroturismo ou turismo afrocentrado, do qual deriva ainda o turismo afrodiáspórico, o turismo de raízes afro e o turismo genealógico. O afroturismo traz em seu bojo a afrocentricidade, discutida desde os anos 1960, e, como teoria em 1980, com Molefi Asante. A teoria é considerada um paradigma, uma mudança revolucionária, por estudar “ideias, conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos de um ponto de vista do povo negro como sujeito e não como objeto” (Asante, 2009a, p. 1). O autor coloca em foco a própria história dos negros como povo, sendo estes “agentes, atores e participantes ao invés de marginalizados na periferia da experiência política ou econômica” (p.2). A afrocentricidade é uma ação política e social que faz um deslocamento da análise dos fenômenos sociais, visto que, “com muita frequência, a discussão dos fenômenos africanos tem se dado com base naquilo que pensam, fazem ou dizem os europeus” (Asante, 2009b, p. 97). No campo do turismo, a afrocentricidade subverte o ponto de vista da história contada, gerando condições para que o negro seja apresentado [e se apresente] como pessoa com agência, como grupo com suas referências e que pode contar sua própria história.

O Turismo de Base Comunitária [TBC], realizado em comunidades tradicionais – como comunidades quilombolas –, também é pauta quando se discute negros e turismo. De acordo com o art. 2º do Decreto 4.887/03, comunidades quilombolas são definidas como "grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida" (Brasil, 2003). No Brasil, em 2020, havia 2.797

quilombos certificados, segundo a Fundação Palmares (2020), responsável por emitir certificação às comunidades remanescentes de quilombos no País. Não há, contudo, informações sobre em quantas destas comunidades é praticado o TBC. Fato é que esse turismo tem como princípio o desenvolvimento sustentável, com um enfoque político, cultural e humano, que valoriza costumes e crenças da comunidade, neste caso, negra, protagonista da atividade.

Já em outro viés, é ainda necessário refletir sobre o turismo acrítico que naturaliza o racismo e a escravidão. Caso emblemático é o da Fazenda Santa Eufrásia [Rio de Janeiro], que até 2017 realizava encenação com negras vestidas como mucamas e turistas recebidos por uma 'sinhá'. Como afirma a guia de turismo e doutoranda em História, Fabiana Bandeira (2018), há muitos hotéis-fazenda na região do Vale do Café – como a própria Santa Eufrásia – em que são frequentes as visitas teatralizadas que reforçam os afro-brasileiros no lugar de escravizados, num discurso que minimiza a barbárie do escravismo mediante o consumo de uma experiência histórica bizarra, sem nenhum questionamento acerca da inadequação da exposição de itens de tortura na senzala e mantendo completo silêncio sobre expressões culturais de origem popular cultuadas pelos negros, como o jongo.

Como último exemplo da discussão sobre negros e turismo, pode-se falar sobre o afroempreendedorismo, o empreendedorismo realizado por pessoas negras que produzem *da e para a cultura negra*, isto é, estabelecem relações comerciais que dão visibilidade a essa cultura e nela se apoiam, formando uma rede de negócios que compõe um ecossistema de produção e consumo feita por negros para negros (Nascimento, 2017; Oliveira, 2020). No turismo, os afroempreendedores centram seus produtos, seja roteiros ou vivências, na cultura negra.

Os pontos aqui destacados são apenas alguns dos tantos que podem ser abordados ao discutir sobre negros e turismo, o que exige uma postura crítica do turismólogo, que passa a refletir sobre os discursos hegemônicos e dar voz às comunidades excluídas, premissa do turismo crítico (Fazito, 2012). O turismo crítico é engajado em questões de identidade, diferença, corpo, gênero e teorias pós-estruturalistas de linguagem e subjetividade (Ateljevic *et al.* em Fazito, 2012). Parte de uma perspectiva pós-colonialista, partilhada por Said (2003) e outros, que contestam as representações que o Ocidente, em especial a cultura europeia, faz do resto do mundo ao colocá-lo como exótico, diferente, estranho, impondo sua visão que domina e, de certo modo, cria outros lugares. Por meio do turismo crítico é possível compreender o turismo pós-moderno, pautado por relações de poder e dominação que resultam dos discursos hegemônicos de desenvolvimento (Mowforth & Munt, 2009 em Fazito, 2015). Essas relações de poder e

dominação, como visto, são vieses estruturantes do racismo e precisam ser discutidas ao pensar o lugar do negro no turismo – ou mesmo o lugar do negro nas pesquisas em Turismo no Brasil, como aqui se propõe.

METODOLOGIA

O artigo é fruto de pesquisa descritiva e bibliográfica. Para Gil (1989), a pesquisa descritiva objetiva descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, ainda o estabelecimento de relação entre as variáveis. Este é o presente caso, visto que o estudo não apenas apresenta resultantes do levantamento bibliográfico, como propõe reflexão sobre um fenômeno atual. A população alvo da investigação é composta pela comunidade acadêmica do Turismo que publica em periódicos científicos dos PPGs a que se vinculam. Quanto à pesquisa bibliográfica, de acordo com Köche (2009), esta sistematiza o estado da arte construído em um determinado momento sobre um tema específico e, para fazê-lo, sendo necessário realizar levantamento do conhecimento disponível na área, identificando as produções teóricas e avaliando a contribuição dessas para compreensão do objeto investigado. Marconi e Lakatos (2003) lembram que a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto e, sim, a reflexão de um tema, o que permite criar novo enfoque ou abordagem a um objeto de estudo.

A coleta de dados foi iniciada com uma pesquisa na Plataforma Sucupira, portal de buscas vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [Capes], do Ministério da Educação. No site foram procurados dados cadastrais dos cursos avaliados e reconhecidos na área de Turismo que estivessem em funcionamento até janeiro de 2020, resultando em 11 programas [Quadro 1]. As revistas disponibilizam digitalmente todas as edições em seus sites.

Quadro 1 - Programas de Pós-Graduação com área básica em Turismo

Área de atuação	Universidade	Mestrado [ano]	Doutorado [ano]
Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)	Acadêmico [início em 1997]	início em 2013
Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul (UCS)	Acadêmico [início em 2000]	início em 2015
Hospitalidade	Universidade Anhembi Morumbi (UAM)	Acadêmico [início em 2002]	início em 2015
Turismo	Universidade Federal do RN (UFRN)	Acadêmico [início em 2008]	início em 2014
Gestão de Negócios Turísticos	Universidade Estadual do Ceará (UECE)	Profissional [início em 2012]	-
Turismo	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Acadêmico [início em 2013]	-
Turismo	Universidade de São Paulo (USP)	Acadêmico [início em 2014]	início em 2019
Turismo	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Acadêmico [início em 2015]	-
Gestão Alimentos e Bebidas	Universidade Anhembi Morumbi (UAM)	Profissional [início em 2016]	-
Turismo	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)	Profissional [início em 2016]	-
Hotelaria e Turismo	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Acadêmico [início 2017]	-

Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Após essa primeira busca, no sítio de cada um desses Programas foi pesquisado se existia algum periódico a ele vinculado, chegando ao montante de sete revistas, como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 2 - Periódicos vinculados a Programas de Pós-Graduação com área básica Turismo^{iv}

Periódico	Programa de Pós-Graduação	Início
Turismo em Análise (RTA)	Turismo, Universidade de São Paulo (USP)	1990
Turismo: Visão e Ação (TVA)	Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)	1998
Caderno Virtual de Turismo (CVT)	Turismo, Universidade Federal Fluminense (UFF) (publicação realizada em parceria com outras instituições)	2001
Revista Hospitalidade (Hosp.)	Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi (UAM)	2004
Turismo e Sociedade (T&S)	Turismo, Universidade Federal do Paraná (UFPR)	2008
Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade (RRV-TH)	Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul (UCS)	2009
Turismo Contemporâneo (T. Cont.)	Turismo, Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN)	2013

Fonte: Elaborado pela Autora a partir das informações dos Programas de Pós-Graduação (2021)

A *Revista Turismo em Análise*, editada pelo Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tem como missão “a difusão de pesquisas, experiências científicas e estudos desenvolvidos por docentes, pesquisadores e profissionais na área de Turismo, Lazer e Hospitalidade” (Turismo em Análise, 2019). Já a *Revista Turismo Visão e Ação* está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí e tem como missão “Interconectar as pessoas interessadas através da transversalidade da pesquisa científica na área do conhecimento do Turismo” (Turismo Visão e Ação, 2019).

O *Caderno Virtual de Turismo* é dedicado à divulgação de estudos voltados para o debate do turismo como vetor de desenvolvimento social. Surgiu em 2001 no Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social, vinculado ao Programa de Engenharia de Produção do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro [COPPE/UFRJ]. Em 2016, começou uma parceria com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade e o Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense (Caderno Virtual de Turismo, 2019). Apesar de a parceria com o PPG em Turismo ser recente, todas as publicações da revista foram analisadas. A *Revista Hospitalidade*, de responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, tem por objetivo reunir reflexões e pesquisas científicas referentes à temática da hospitalidade (Revista Hospitalidade, 2019). A *Revista Turismo e Sociedade* é editada pelo Departamento de Turismo da Universidade Federal do Paraná e publica

estudos, pesquisas e relatos de experiência de docentes, pesquisadores e profissionais na área de Turismo (Turismo e Sociedade, 2019).

A Revista *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade* é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, e se dedica à reflexão e à discussão de turismo e temas transversais, com foco na hospitalidade, na gestão, na cultura, no meio ambiente, na educação e na epistemologia (Rosa dos Ventos, 2019). Por fim, a *Revista de Turismo Contemporâneo*, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tem como missão “contribuir para a construção do conhecimento científico na área de Turismo, por meio da divulgação de estudos e pesquisas de alto nível de qualidade” (Turismo Contemporâneo, 2019).

Nas ferramentas de pesquisa por palavras, oferecidas no site de cada revista, foram inseridas em janeiro de 2020, uma a uma as palavras-chave que norteiam o debate aqui apresentado: afroempreendedorismo; afroturismo; democracia racial; escravidão; escravo^v/escravizado; estereótipo; hostilidade; mestiço/mestiçagem; mulata; negritude; negro; preconceito; quilombo; raça; racismo. A hipótese inicial era de que as palavras raça, racismo, preconceito e quilombo teriam os maiores índices de retorno após essa primeira busca no que se refere ao assunto alvo da pesquisa. Partindo de um total de 2.618 artigos publicados no conjunto das revistas, a pesquisa por palavras-chave alcançou oito textos. Posteriormente, uma avaliação por meio de leitura criteriosa sobre esse corpus provisório mostrou que apenas cinco artigos de fato faziam referência à temática *negros e turismo*. As informações foram então organizadas em quadros e tabelas e examinadas mais detidamente, como se verá a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de demonstrar aos leitores os resultados da pesquisa realizada, apresento [Tabela 1] inicialmente a quantidade de artigos que possuem as palavras-chave aqui destacadas. Como mostra a Tabela 1, as palavras afroturismo, democracia racial, escravidão, escravo/escravizado, mestiço/mestiçagem, mulata, negritude, negro, raça e racismo não foram encontradas. As palavras-chave encontradas foram quilombo (2), hostilidade (3), preconceito (2) e estereótipo (1), contudo, como será visto a seguir, nem todas se referem ao tema aqui proposto. Quanto aos resultados referentes a cada periódico, a revista *Turismo & Sociedade* publicou, desde 2008, 32 edições, contabilizando 255 artigos. Após análise das palavras-chave desses artigos, não foi encontrado artigo que contivesse as palavras-chave aqui analisadas. A Revista *Turismo Contemporâneo* já publicou, ao longo das suas 16 edições, 119 trabalhos. Da mesma forma, em nenhum deles há referência aos termos buscados neste artigo.

Tabela 1 - Quantidade de artigos encontrados nos periódicos com as palavras-chave da pesquisa

Palavras-chave	RTA	TVA	CVT	Hosp.	T&S	RRV-TH	T. Cont.	T
Afroempreendedorismo	-	-	-	-	-	-	-	-
Afroturismo	-	-	-	-	-	-	-	-
Democracia racial	-	-	-	-	-	-	-	-
Escravidão	-	-	-	-	-	-	-	-
Escravo/Escravizado	-	-	-	-	-	-	-	-
Estereótipo	-	-	1	-	-	-	-	1
Hostilidade	-	-	1	1	-	1	-	3
Mestiço/ mestiçagem	-	-	-	-	-	-	-	-
Mulata	-	-	-	-	-	-	-	-
Negritude	-	-	-	-	-	-	-	-
Negro	-	-	-	-	-	-	-	-
Preconceito	-	2	-	-	-	-	-	2
Quilombo	1	-	1	-	-	-	-	2
Raça	-	-	-	-	-	-	-	-
Racismo	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de artigos	1	2	3	1	-	1	-	8

Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Como mostra a Tabela 1, as palavras afroturismo, democracia racial, escravidão, escravo/escravizado, mestiço/mestiçagem, mulata, negritude, negro, raça e racismo não foram encontradas. As palavras-chave encontradas foram quilombo (2), hostilidade (3), preconceito (2) e estereótipo (1), contudo, como será visto a seguir, nem todas se referem ao tema aqui proposto. Quanto aos resultados referentes a cada periódico, a revista *Turismo & Sociedade* publicou, desde 2008, 32 edições, contabilizando 255 artigos. Após análise das palavras-chave desses artigos, não foi encontrado artigo que contivesse as palavras-chave aqui analisadas. A Revista *Turismo Contemporâneo* já publicou, ao longo das suas 16 edições, 119 trabalhos. Da mesma forma, em nenhum deles há referência aos termos buscados neste artigo.

A *Revista Turismo em Análise* é o mais antigo entre as revistas analisadas. De 1990 a 2019 foram publicados 619 artigos. Desse montante, 1 texto tinha um dos termos aqui pesquisados – quilombo –, representando 0,16% dos artigos da revista. [Quadro 3]. O artigo encontrado na *Revista Turismo em Análise* discute de que forma uma comunidade quilombola de Ubatuba, São Paulo, conseguiu o reconhecimento da terra como quilombo e usa a gastronomia como um suporte para a manutenção de sua identidade e cultura. Os autores também analisam a pressão imobiliária que a comunidade sofre e a necessidade do fortalecimento de redes de turismo sustentável na região (Maranhão & Bueno, 2012).

Quadro 3 - Artigo na Turismo em Análise com palavras-chave negros e turismo

Título	Palavras-chave	Edição
Gastronomia, Sustentabilidade e Turismo na Praia de Caçandoca, Ubatuba (São Paulo-Brasil)	Turismo sustentável pesca artesanal; quilombo; culinária caiçara; Ubatuba- SP.	v. 23, n. 3, 2012

Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

A revista *Turismo Visão e Ação*, segunda mais antiga entre as pesquisadas, conta com 63 edições, em um total de 477 artigos. Utilizando as palavras-chave aqui descritas, foram encontrados 2 artigos, ambos contendo a palavra-chave preconceito, como pode ser visto no Quadro 4.

Quadro 4 - Artigo publicado na revista Turismo Visão e ação com as palavras-chave da pesquisa

Título	Palavras-chave	Edição
O preconceito idiomático no turismo no Mercosul: análise do fenômeno na hotelaria de Balneário Camboriú	Preconceito; Idioma; Turismo no Mercosul	v.2, n.6, 2000
Hospitalidade e preconceito no turismo	Turismo; Hospitalidade; Preconceito; Cultura.	v.4, n. 10, 2001

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Apesar dos artigos possuírem a palavra preconceito entre os termos que os resumem, ambos não fazem nenhuma referência à discussão sobre negros no turismo. O artigo “O preconceito idiomático no turismo no Mercosul: análise do fenômeno na hotelaria de Balneário Camboriú” analisa preconceito de matriz linguística, com foco em turistas de fala hispânica e prestadores de serviços turísticos brasileiros em Balneário Camboriú (Ruschmann et al., 2000). O outro trabalho, “Hospitalidade e preconceito no turismo”, é um ensaio teórico que reflete sobre a hospitalidade e preconceito cultural, colocando o turismo como mediador entre línguas e culturas diferentes (González, 2001). O artigo, apesar de tratar de um tema pertinente à discussão sobre negros e turismo, não o aborda, fazendo uma análise mais ampla dos termos hospitalidade e preconceito.

O periódico *Caderno Virtual de Turismo* publicou 62 edições e 505 artigos desde 2001, ano de seu primeiro número. Entre ele, três tinham palavras-chave aqui apontadas – estereótipo (1), hostilidade (1), quilombo (1) – e discutiam o negro no turismo, o que representa 0,59% da produção total da revista [Quadro 5].

Quadro 5 - Artigos Caderno Virtual de Turismo com palavras-chave negros e turismo

Título	Palavras-chave	Edição
Estereótipos e destinos turísticos: o uso dos estereótipos nos folders de uma agência de fomento ao turismo	Estereótipos; turismo; percepção	v.5, n.3, 2005
Os paradoxos do acolhimento em Minas no século XIX de acordo com a literatura de viagem: hospitalidade e hostilidade	Acolhimento; viajantes naturalistas; Minas Gerais; hospitalidade; hostilidade.	v.18, n.3, 2018
Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula	Turismo de Base Comunitária. Turismo Convencional. Turismo Comunitário. Antigo Quilombo Cabula. Pesquisa de Desenvolvimento (DBR).	v.16, n.2, 2016

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quanto aos artigos do *Caderno Virtual de Turismo*, o texto intitulado “Estereótipos e destinos turísticos: o uso dos estereótipos nos folders de uma agência de fomento ao turismo”, ao identificar e discutir o uso dos estereótipos pela Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia [Bahiatursa], analisa, entre outros, o da sensualidade, encontrado, em especial, em folderes divulgados em língua estrangeira e que fazem referência à miscigenação e negritude do povo baiano a fim de atrair turistas (Pereira & Ornelas, 2005).

O artigo “Os paradoxos do acolhimento em Minas no século XIX de acordo com a literatura de viagem: hospitalidade e hostilidade” reflete sobre as práticas de acolhimento no Brasil, no século XIX, especificamente em Minas Gerais, sob a perspectiva dos viajantes naturalistas estrangeiros. Ao fazê-lo, percebe como os negros e negras eram descritos por estes, em uma perspectiva eurocêntrica que os hostilizava. Às mulheres negras era destinada a não civilidade, isto é, os viajantes estrangeiros apenas se referiam à mulher ‘branca’, como sendo brasileira. As mulheres negras, de acordo com os cronistas e analisado pelo autor, podiam ser usadas sexualmente, mas não serviam para casar, apenas para o trabalho e a mulata servia como trabalhadora e até como amante, mas nunca como esposa. Para os cronistas a percepção de que a maioria da população ser negra em Minas Gerais era um indicativo de inferioridade natural e os negros que eram diferentes em virtude da sua [falta de] cultura (Brusadin, 2018).

No trabalho “Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula”, os autores apresentam a experiência de planejamento e organização de um projeto que vem sendo desenvolvido desde 2010 no Antigo Quilombo Cabula [Salvador-BA], cujo objetivo, no que se refere ao turismo, é mobilizar a comunidade para o reconhecimento dos recursos da localidade para o receptivo de visitantes e turistas e fazer o diagnóstico social, econômico, ambiental, cultural, empresarial e de infraestrutura da região e entorno, visando ao desenvolvimento estratégico do Turismo de Base Comunitária. Ao explicar as estratégias utilizadas para atingir o objetivo assim como a execução das etapas propostas, os autores descrevem as narrativas usadas pelos moradores locais, que destacam sua origem de povo africano, mostram seu terreiro de candomblé, falam sobre suas plantas sagradas e apresentam seus bordados (Silva, Matta & Coimbra de Sá, 2016). A *Revista Hospitalidade* publicou 36 edições, com 274 artigos. Um desses artigos continha uma das palavras-chave aqui analisadas – hostilidade, o que pode ser notado no Quadro 6.

Quadro 6 - Artigo publicado na Revista Hospitalidade com as palavras-chave da pesquisa

Título	Palavras-chave	Edição
Hospitalidade em sentido próprio e figurado	Hospitalidade. Inospitalidade. Hostilidade. Dádiva. Imigração	v.16, n.3, 2019

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O trabalho “Hospitalidade em sentido próprio e figurado”, apesar de ter entre suas palavras-chave hostilidade, não perpassa a temática negros e turismo ou ainda racismo e turismo, focando em especial na ideia da hospitalidade como acolhimento pessoa a pessoa, isto é, práticas privadas baseadas na obrigação de reciprocidade e também na referência à hospitalidade em seu sentido figurado, em estabelecimentos comerciais considerados hospitaleiros [ou inospitais] (Gotman, 2019). O periódico *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade* possui, desde 2009, 39 edições. Dos 369 artigos já veiculados, um continha uma das palavras-chave aqui pesquisadas – hostilidade –, representando 0,27% dos artigos já publicados pela revista [Quadro 7].

Quadro 7 - Artigos Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade com palavras-chave negros e turismo

Título	Palavras-chave	Edição
Preconceito como sinal de hostilidade nas relações entre imigrantes: o caso de Caxias do Sul-RS, Brasil	Hostilidade. Migração. Caxias do Sul, RS, Brasil.	v. 10, n. 2, 2018

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O trabalho “Preconceito como sinal de hostilidade nas relações entre imigrantes: o caso de Caxias do Sul-RS, Brasil” identifica ações desencadeadas quando da chegada de imigrantes senegaleses à Caxias do Sul, cidade de colonização italiana do sul do País. Ao fazê-lo, abordam conceitos de hospitalidade e de racismo. Como resultado, afirmam que os imigrantes sofrem racismo e são hostilizados, não havendo respeito para com eles, sua cultura, seus hábitos e costumes. Asseveram, ainda, não ter havido hospitalidade. Pelo contrário, muitas vezes são ‘tratados como animais’. Além disso, eles “não reagem às ações hostis que sofrem porque estariam acostumados a elas e por não querem agravar os preconceitos já existentes” (Camargo & Herédia, 2018, p. 401).

A análise das palavras-chave dos artigos que discutem negros e turismo mostra termos variados para realizar o debate, isto é, não houve um padrão em termos de número de termos, apenas dois se repetiram, hostilidade e quilombo, como mostra a nuvem de palavras da Figura 1.

Figura 1 - Palavras-chave dos artigos que discutem negros e turismo



Fonte: Elaborado pela Autora, a partir das palavras-chave dos artigos

As demais 18 palavras tiveram 1 ocorrência cada. Contudo, é importante perceber que a palavra turismo aparece ‘qualificada’ de diferentes maneiras, ora como turismo convencional, turismo comunitário, TBC, turismo sustentável ou ainda, apenas turismo, corroborando com Rejowski e Barbanti (2018), sobre haver uma fragilidade das palavras-chave das publicações científicas em turismo no Brasil, o que demanda a consolidação de um Tesouro na área.

A categorização dos temas encontrados nos artigos mostra que dois deles analisaram o negro a partir de discussões sobre comunidades quilombolas. Em um cenário de cinco artigos, como o encontrado nesta pesquisa, é um número significativo. Entretanto, Graciano e Holanda (2020) explicam que os estudos sobre TBC ainda são escassos, embora a atividade tenha começado a se organizar no início dos anos 1990. Segundo os autores, o Turismo de Base Comunitária ainda dá seus primeiros passos como objeto de pesquisa, até o momento mobilizando poucos especialistas e resultando em escassos artigos produzidos sobre o tema. Esse baixo interesse acadêmico sobre o TBC – cujo objeto empírico tendencialmente abrange comunidades quilombolas, mas também caiçaras, indígenas entre outras – é mais um indício de como os negros não tem sido alvo de investigações em turismo.

Duas pesquisas discutiram estereótipos e papéis das mulheres negras em diferentes lugares e ocasiões. Seja nas Minas Gerais do século XIX ou na Bahia atual – foco das pesquisas encontradas –, é fato que as mulheres negras foram e são vilipendiadas em seus corpos, entendidos como um objeto que pode explorado, usado e depois descartado. A mulher negra brasileira, que se transmuta na *mulata* do Carnaval e que por muito tempo foi vendida pela Embratur como um produto nacional, é transformada em símbolo exaltado durante as festividades e rejeitada durante o resto do ano. Visto diacronicamente, em outros tempos ela era a mucama; hoje, a empregada doméstica (González, 1983).

Em determinada época do ano se ‘permite’ que ela seja contemplada, mas nunca em sua completude: é apenas um corpo que dança. No restante do tempo, ela fica nos bastidores, trabalhando. Como explica González (1983), a negra, quando *mulata*, é objeto de desejo sexual, sempre ao dispor dos homens que a querem. Quando ‘doméstica’ é a serviçal, sempre à disposição dos patrões para o trabalho, inclusive em funções profamiliares, como a ‘mãe-preta’, aquela que serve ao branco, cuidando do seu filho (González, 1983). No contexto do turismo, nada mais atual que pensar nos resorts com suas babás responsáveis pelo cuidado das crianças enquanto os pais se divertem.

Um único trabalho discutiu, de forma direta, o racismo, tendo como foco a hostilidade contra imigrantes negros, relatando as situações cotidianas de racismo enfrentadas por estas pessoas.

A realidade mostrada na pesquisa é encontrada não apenas na cidade estudada, mas em todo o País. Em 2018, por exemplo, foram realizadas 615 denúncias de discriminação racial no Brasil no Disque Direitos Humanos (Brasil, 2019), número subnotificado, como afirma Frei David Santos, diretor-executivo da ONG Educafro (Grandelle & Eller, 2019). Ainda assim, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Paraná Pesquisas, a existência do racismo é negada por 34% da população brasileira (Ghirotto, 2020), percentual que emblematicamente inclui os atuais Presidente e Vice-Presidente da República (IG, 2020).

Como se vê, o negacionismo é moeda corrente no país. Não por acaso, um de seus pilares – a ideia de que o Brasil é o país da democracia racial, onde todas as raças convivem pacificamente e com as mesmas oportunidades – tem sido utilizado inclusive como estratégia de propaganda do turismo para vender o País (Hintze & Almeida Júnior, 2012). Esconder o racismo na ideia de miscigenação e harmonia das raças alicerça aquilo que se tem tratado por racismo estrutural e que se manifesta, entre outras formas, no racismo institucional perpetrado por agentes públicos que acusam, prendem e matam negros e negras diuturnamente no país. Carneiro (2009) explica que a miscigenação deu e dá suporte ao mito da democracia racial no Brasil na medida em que o intercurso sexual entre brancos, indígenas e negros seria um indicativo de nossa tolerância racial. Entretanto, o argumento omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre mulheres negras e indígenas. Nesse sentido, segue a autora, a miscigenação tem sido um instrumento eficaz de embranquecimento do país, de maneira a estabelecer uma hierarquia cromática e de fenótipos no qual o negro de pele mais escura está na base e o homem branco no topo. Aos que se situam na posição intermediária é dado o benefício simbólico de estarem mais perto do que é considerado o ideal humano: o Branco.

No turismo, diferentes situações de cunho racista já foram aqui discutidas, mas vale ainda lembrar, por exemplo, que em pesquisa realizada junto a 580 viajantes negros brasileiros, 46,7% já vivenciaram ou presenciaram situações de racismo ou injúria racial (Santos, 2018). Ou ainda que, em pesquisa realizada junto a 15 afroempreendedores em turismo no Brasil, 40% afirmaram que a maior dificuldade em empreender na área é o racismo, à frente, inclusive, de itens como dificuldade de gestão (33%) e acesso a crédito (33%). (Oliveira, 2020). No campo da promoção do turismo, Hintze e Almeida Júnior (2012) e Oliveira (2020) mostram que os negros são sempre apresentados como subalternos na atividade, nunca são mostrados como turistas ou mesmo como empreendedores da área.

Há uma exotização da imagem do negro, com uso constante de estereótipos e a vinculação de sua imagem apenas a determinados contextos, como quando o continente africano é comercializado pelas agências. Quando o negro aparece na publicidade das revistas, é sempre

na ideia de compor um cenário de diversidade, isto é, os anúncios buscam dizer que são plurais e sugerem estar cientes da pluralidade de raças. Contudo, como Carrera (2020) muito bem esclarecem, ao fazer isso “deixam escapar que a diversidade se materializa no não branco e que o branco se torna invisível em sua racialização. [...] quando se permite a existência de indivíduos de outras raças em suas campanhas, essa permissão se manifesta em um ou dois modelos em meio a uma maioria branca [...] (p.11-12). Em situações e contextos reais, é importante citar a recente perseguição da polícia a um grupo de turistas que realizava afroturismo em São Paulo (Dias, 2020) ou ainda casos de racismo na hotelaria nacional, seja para com o negro trabalhador do turismo (Leite, 2019) ou como hóspede (Menezes, 2018). Inclusive, é essencial dar destaque às pesquisas que mostram que a hotelaria nacional não é e não está preparada para a diversidade (Medeiros, Serrano & Sá, 2020; Feitosa et. al, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre o conhecimento científico produzido nos periódicos nacionais vinculados a Programas de Pós-Graduação com área básica Turismo permite afirmar que, de 2.618 artigos por elas já publicados, apenas cinco (0,19%) apresentam discussões que analisam o tema *negros e turismo*. Chama a atenção quão baixa é a frequência da temática, porém como comentam Hudson *et al.* (2018), a literatura acadêmica em Turismo dá pouca atenção à relação entre discriminação racial e turismo – ainda que o trabalho aqui tenha sido mais amplo e abarcado outros temas que envolvem negros e turismo. Os poucos resultados encontrados revelam um silenciamento, na academia em Turismo no Brasil, de temas que discutam negros e turismo, o que acaba por ser sintomático de como estes aparecem na atividade, ou pior, não aparecem.

As palavras-chave que abordavam a temática encontrada nos artigos foram quilombos (2), hostilidade (2) e estereótipo (1). Logo, a hipótese inicial de que o termo quilombo teria uma maior incidência se confirmou, o que mostra como o Turismo de Base Comunitária é pauta importante para discutir turismo crítico. Contudo, entre as demais palavras-chave, a palavra negro, que seria central para refletir sobre *negros e turismo* não apresentou nenhum retorno, o que confirma a marginalidade acadêmica do tema na área de Turismo, no Brasil.

Quanto às informações coletadas, a maior produção de artigos está centrada na Revista *Caderno Virtual de Turismo* (3 artigos); em seguida, o periódico *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade* (1 artigo), empatado com a *Revista Turismo em Análise* (1 artigo). As revistas *Turismo Visão e Ação*, *Hospitalidade, Turismo e Sociedade* e *Revista Turismo Contemporâneo* não tinham trabalhos que contemplassem o assunto abordado.

O vínculo institucional dos autores com artigos publicados se distribuiu da seguinte maneira: Universidade do Estado da Bahia (três autores); Universidade Federal da Bahia (dois autores); Universidade de Caxias do Sul (dois autores); Universidade Anhembi Morumbi (dois autores); Universidade Federal de Ouro Preto (um autor). Nenhum dos autores se repetiu nos trabalhos, isto é, todos os artigos foram produzidos por pessoas diferentes, o que aponta para a inexistência de um campo de estudos consolidado sobre o assunto.

Analisando os dados surgidos a partir deste estudo e comparando-os a outros trabalhos sobre o interesse de pesquisadores de turismo já realizados, é possível notar como as pesquisas em estudos sociais do turismo são poucas. Ainda que não partindo de uma base de pesquisa semelhante, Fedrizzi (2014), ao examinar as temáticas das dissertações produzidas em turismo no Brasil (206 dissertações, defendidas de 2008 a 2014), aponta que a maioria dos trabalhos era centrada na temática Gestão e Turismo (18%), Patrimônio Turístico (17%) e Serviços Turísticos (15%). Em pesquisa anterior, Rejowski (1995) já havia mostrado, ao investigar 102 dissertações e teses sobre turismo (defendidas entre 1973-1995), que os principais temas dos trabalhos eram oferta, desenvolvimento, marketing e planejamento turístico. Ambas as pesquisas, mesmo que não voltadas às publicações em turismo, como aqui analisado, mas a trabalhos de conclusão em pós-graduação, mostram que temas relacionados a estudos sociais do turismo não aparecem entre os de maior recorrência no interesse de pesquisa da área no Brasil.

Ao colocar em subtemas os artigos encontrados que discutem *negros e turismo* nas revistas analisadas, como proposto no objetivo do trabalho, é possível perceber que as pesquisas falaram de quilombos, racismo e sexualização da mulher negra. As demais subcategorias de discussão sobre negros e turismo, pontuadas ao longo das reflexões feitas – tais como afroempreendedorismo, afroturismo, turismo acrítico, democracia racial no turismo, entre outros, não foram encontradas, o que mostra como o assunto ainda pode e deve ser pautado na academia.

O turismo é atravessado por desigualdades, sejam elas de cunho racial, étnico, de gênero, de classe, entre outros. Logo, é importante que essas diferenças, que envolvem tanto os que viajam quanto os que trabalham no turismo, sejam analisadas. Não é possível pensar no turismo como descolado da realidade que o cerca. É essencial que temas como a precarização do trabalho, o racismo, a discriminação de gênero, sejam pauta não apenas dos jornais e revistas de informação geral, mas também da ciência produzida na área do turismo. É necessário que dados sobre a cor/raça do turista seja coletada, assim como é essencial que se saiba que posições os negros ocupam nos cargos de trabalho do turismo – ambas informações não são coletadas pelo Ministério do Turismo. Fingir que o Brasil é o país da democracia racial, onde todos são tratados

da mesma maneira e o turismo é a vitrine de tudo isso apenas contribui para um turismo acrítico, que não reflete sobre si e sobre as desigualdades que também produz.

Por muito tempo o turismo foi reduzido apenas a uma atividade econômica. Ele é mais que apenas números e divisas, é um fenômeno social que só existe porque as pessoas têm o desejo de se mover para outros lugares. Nesta movimentação há encontros; o turismo é, em sua base, o encontro com o outro, com o diferente. E as pessoas que se encontram carregam consigo suas preferências, ideologias, crenças, preconceitos etc., o que mostra como a atividade não está fora da realidade. Disseminar que o Brasil é um paraíso racial, local de harmonia e cooperação entre os povos, onde todos têm um sorriso constante no rosto – o que é feito pelos representantes do país e pelo Ministério do Turismo, em seus slogans de cunho sexual, como o “*Brazil: visit and love us*” – apenas reforça uma visão distorcida do que realmente é a atividade.

Por fim, é importante destacar que o trabalho está centrado apenas em revistas nacionais ligadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo, havendo, no entanto, trabalhos publicados em outros veículos (das áreas de Sociologia, Antropologia, Ciências Sociais, entre outras) que se correlacionam ao conceito multidisciplinar de turismo e do tema aqui abordado. Logo, uma investigação em outros periódicos daria uma dimensão maior da importância da temática na academia, devendo servir o presente texto para incentivar futuras pesquisas que possibilitem a ampliação da análise.

REFERÊNCIAS

- Asante, M. K. (2009a). *Afrocentricidade*. [Link](#)
- Asante, M. K. (2009b). Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In E. L. Nascimento (Ed.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora* (pp. 93–110). Selo Negro.
- Bandeira, F. M. (2018, outubro 1-5). *Roteiro para uma memória afro-brasileira: contribuições para a lei 10639/2003* [Anais de conferência]. II Seminário Nacional História e Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [Link](#)
- Bello, G. (19 de novembro de 2015). Roteiro permite vivenciar cotidiano de quilombolas em MG. *Folha de São Paulo*, São Paulo. [Link](#)
- Brasil (2019, junho 12). Ministério recebe mais de 600 denúncias de discriminação racial. *Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos*. [Link](#)
- Brusadin, L. B. (2018). Os paradoxos do acolhimento em Minas no século XIX de acordo com a literatura de viagem: hospitalidade e hostilidade. *Caderno Virtual de Turismo*, 18(3), 108-122. [Link](#)
- Caderno Virtual de Turismo. (2019). *Políticas editoriais*. [Link](#)
- Camargo, C. da S., & Herédia, V. B. M. (2018). Preconceito como sinal de hostilidade nas relações entre Imigrantes: o caso de Caxias do Sul-RS, Brasil. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 10(2), 338-402. [Link](#)

Oliveira, N. A. de. (2021). Negros e Turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 13(1), 219-238, DOI: 10.18226/21789061.v13i1p219

- Damasceno, B. (27 de janeiro de 2020). Mulheres negras desbravam o mundo: "Corpo negro viajante causa incômodo". *Uol, Universa*. [Link](#)
- Brasil (2003). Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003 (2003). *Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos*. [Link](#)
- Dias, G. S. (2017, 13 novembro). Por que os negros viajam menos. *Revista Trip*. [Link](#)
- Dias, G. S. (2020, outubro 24). Caminhada São Paulo Negra é perseguida pela polícia durante três horas. *Guia Negro*. [Link](#)
- Fazito, M. (2015). Modernização turística: o papel do turismo nos discursos dominantes de desenvolvimento. In: S. L. Figueiredo, F. F. Azevedo, & W. R. de M. Nóbrega. (Orgs.). *Perspectivas contemporâneas de análise em turismo*. pp. 108-126. Belém: NAEA. [Link](#)
- Fazito, M. (30 a 1 de setembro de 2012). Turismo crítico. *Anais... Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, São Paulo, SP, Brasil, 9. [Link](#)
- Fedrizzi, V. L. F. (2014). *Dissertações de mestrado dos Programas de Pós-graduação em Turismo: análise das temáticas e citações*. Tese. Doutorado em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil]. [Link](#)
- Feitosa, L. A. T et al. (2015). Gestão da diversidade: um estudo no setor hoteleiro de uma cidade do Nordeste brasileiro. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, 9(2), 117-139. [Link](#)
- Ferreira, M. A., & Casagrande, L. S. (2018). E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. *Revista Mundi - Sociais e Humanidades*, 3(2), 1-21. [Link](#)
- Fredrickson, G. (2002). *Racism: a short history*. Princeton: Princeton University Press.
- Ghirotto, E. (2020, agosto 20). Pesquisa exclusiva: 61% dos brasileiros acham que o país é racista. *Veja*. [Link](#)
- Gil, A. C. (1989). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M. S. (2010). A (des)(re)construção do Brasil como Paraíso de Mulatas. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, 4(2), 48-70. [Link](#)
- González, N. E. K. de. (2001). Hospitalidade e preconceito no turismo. *Turismo: Visão e Ação*, 4(10), 91-100. [Link](#)
- Gotman, A. (2019). Hospitalidade em sentido próprio e figurado. *Revista Hospitalidade*, 16(3), 160-175. [Link](#)
- Grandelle, R., & Eller, J. (2019, junho 13). Disque Direitos Humanos registrou mais de 600 casos de racismo em 2018. *O Globo*. [Link](#)
- Harkot-de-La-Taille, E. & Santos, A. R. dos. (2012). Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. *Anais... III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*. [Link](#)
- Hintze, H., & Almeida Júnior, A. R. de. (2012). Estudos críticos do turismo: a comunicação turística e o mito da democracia racial no Brasil. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, (17-18), 57-72, [Link](#)

Oliveira, N. A. de. (2021). Negros e Turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 13(1), 219-238, DOI: 10.18226/21789061.v13i1p219

- Hudson, S., So, K. K. F., Meng, F., Cárdenas, D., & Li, J. (2018). Racial discrimination in tourism: the case of African-American travellers in South Carolina. *Current Issues in Tourism*, 23(4) 438-451. [Link](#)
- IG. (2020, novembro 21). Bolsonaro endossa Mourão e nega racismo: “Sou daltônico, todos têm a mesma cor.” IG. [Link](#)
- Kajihara, K. (2010). A imagem do Brasil no exterior: análise do material de divulgação oficial da Embratur, desde 1966 até 2008. *Observatório de Inovação do Turismo*, 5(3). [Link](#)
- Köche, J. C. (2009). *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Lee, D. (12 de dezembro de 2015). Hóspedes negros discriminados no AirBnB, aponta estudo de Harvard. *G1, Tecnologia e Games*. [Link](#)
- Leite, D. (2019, dezembro 30). Engenheiro argentino é preso suspeito de injúria racial em hotel em MG. *Uol*. [Link](#)
- Mantovani, F. (03 de março de 2018). Brasileiros criam empresa de turismo para negros após sofrerem preconceito em viagens. *G1, Turismo e Viagem*. [Link](#)
- Maranhão, R. F. de A., & Bueno, M. S. (2012). Gastronomia, sustentabilidade e turismo na Praia de Caçandoca, Ubatuba (São Paulo-Brasil). *Turismo em Análise*, 23(3), 623-642. [Link](#)
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Medeiros, L. de S., Serrano, M. de S., & Souza, L. A. S. (2020). Percepção dos gerentes do setor hoteleiro de João Pessoa sobre a gestão da diversidade. In A. Brambilla, E. Vanzella, M. D. S. Fernández, & M. R. Manríquez (Eds.), *Turismo & hotelaria no contexto da responsabilidade social*. pp. 49–86. João Pessoa: UFPB / CCTA [Link](#)
- Melo, L. (24 de julho de 2018). Diáspora.black: episódios de racismo viraram oportunidade para negócio especializado em atrair turistas negros. *Época*. [Link](#)
- Menezes, R. (2018, setembro 27). Pais de criança que sofreu racismo em hotel de luxo desabafam. *Crescer*. [Link](#)
- Monsma, K. M. (2017). Como pensar o racismo: o paradigma colonial e a abordagem da sociologia histórica. *Revista Ciências Sociais*, 48(2), 53-82. [Link](#)
- Diáspora. Black* (2019). *Nossa história*. [Link](#)
- Oliveira, C. (06 de dezembro de 2016). Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda ‘sem racismo’. *The Intercept Brasil*. [Link](#)
- Oliveira, N. A. de. (2020). Afroempreender em turismo no Brasil: discussões iniciais. In P. D. L. de Menezes, A. Brambilla, & A. L. V. Soares (Eds.), *Perspectivas da gestão em turismo e hotelaria II*. pp. 397-435. João Pessoa: UFPB / CCTA. [Link](#)
- Oliveira, N. A. de. (2020). *Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil. Anais... XVII Seminário da Anptur*. [Link](#)
- Palmares Fundação Cultural. (2020, outubro 29). *Certificação Quilombola*. [Link](#).
- Pereira, M. E., & Ornelas, T. (2005). Estereótipos e destinos turísticos: o uso dos estereótipos nos folders de uma agência de fomento ao turismo. *Caderno Virtual de Turismo*, 5(3), 9-17. [Link](#)

Oliveira, N. A. de. (2021). Negros e Turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 13(1), 219-238, DOI: 10.18226/21789061.v13i1p219

- Rejowski, M. (1995). *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X realidade brasileira*. Campinas-SP: Papirus.
- Rejowski, M., & Barbanti, C. H. (2018). Construção de um Tesouro Brasileiro de Turismo. *Turismo em Análise*, 29(2), 182-195. [Link](#)
- Revista de Turismo Contemporâneo (2019). *Foco e escopo*. [Link](#)
- Revista Hospitalidade (2019). *Políticas editoriais*. [Link](#)
- Revista Turismo em Análise (2019). *Sobre a revista*. [Link](#)
- Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras.
- Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade (2019). *Políticas editoriais*. [Link](#).
- Ruschmann, D. M., Canani, I. S. S., González, N. E. K., & Waltrick, C. F. (2000). O preconceito idiomático no turismo no Mercosul: análise do fenômeno na hotelaria de Balneário Camboriú. *Turismo: Visão e Ação*, 6(3), 35-48. [Link](#)
- Said, E. W. (2003). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, F. de P., Matta, A. E. R., & Coimbra de Sá, N. S. (2016). Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(2), 79-92. [Link](#)
- Turismo e Sociedade (2019). *Políticas editoriais*. [Link](#)
- Turismo Visão e Ação (2019). *Políticas editoriais*. [Link](#)

NOTAS

ⁱ Biologicamente falando, raças não existem, não há uma hierarquia biológica que fundamenta diferenças entre grupos de pessoas. Todavia, é de praxe no senso comum essa assertiva. Raças são construções sociais, criadas a partir de categorizações que percebem o outro como diferente e portador de características inferiores intrinsecamente ligadas ao grupo a que pertencem.

ⁱⁱ Corroboro os movimentos negros brasileiros (como o Geledés, Afronta, Blogueiras Negras, Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN, por exemplo) que refutam o uso, nos dias atuais, do termo *mulata*, haja vista este ser, como comenta Ribeiro (2018), uma expressão pejorativa derivada da palavra mula, que indica mestiçagem, mistura imprópria e era usada desde o período colonial para indicar negras de pele mais clara, frutos dos estupros sistemáticos de mulheres escravizadas pelos senhores de engenho. Por este motivo, usarei a palavra em itálico, todavia, na intenção de encontrar um maior número possível de respostas frente aos termos usados em trabalhos acadêmicos, achei necessário usá-la como palavra-chave.

^{iv} Não foram encontrados periódicos vinculados aos seguintes programas: Gestão de Negócios Turísticos [Universidade Estadual do Ceará]; Turismo [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe]; Gestão em Alimentos e Bebidas [Universidade Anhembi Morumbi]; Hotelaria e Turismo [Universidade Federal de Pernambuco].

^v A palavra escravo foi utilizada a fim de ampliar a busca da pesquisa. Contudo, o termo correto é escravizado, pois “enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores” (Harkot-de-La-Taille & Santos, 2012, pp. 8-9).

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 12 MAI 20; Aceito: 7 DEZ 20